



IACÁ: *Artes da Cena*

ISSN 2595-2781

EDITORIAL

O Caminho quem faz é o caminhante ao Caminhar: Teatro do
Oprimido Brasil adentro, mundo afora

Virgínia Campos Machado

Cachalote Mattos

EDITORIAL

O caminho que faz é o caminhante ao caminhar: Teatro do Oprimido no Brasil adentro, mundo afora

Virgínia Campos Machado (UFBA)

Cachalote Mattos (CTO – RJ)

Este número especial da *Revista IAÇÁ: Artes da Cena* da Universidade Federal do Amapá apresenta o dossiê **O Caminho quem faz é o caminhante ao Caminhar: Teatro do Oprimido Brasil adentro, mundo afora**. Inspirado na metodologia criada por Augusto Boal nos anos 1960, o dossiê convida à reflexão sobre a força do Teatro do Oprimido (TO) como prática estética, pedagógica e política.

O Teatro do Oprimido (TO) mobiliza as pessoas a refletirem e transformarem suas realidades, promovendo a consciência crítica e o diálogo em torno das opressões. Essa abordagem tem sido aplicada em vários contextos educacionais e sociais, demonstrando sua versatilidade e impacto, o que também se revela nos textos aqui apresentados. Desse modo, o volume reúne artigos de pesquisadores e artistas que exploram diferentes abordagens do Teatro do Oprimido, envolvendo reflexões sobre arte, gênero e diversidade, experiências em movimentos sociais e contextos educativos, práticas voltadas à cultura de paz, experimentações com o Teatro-Imagem, usos em meios digitais e reflexões sobre lutas históricas. Em conjunto, as contribuições evidenciam o Teatro do Oprimido como instrumento de resistência, criação e ação política.

No texto de abertura do dossiê, **Reflexões Sobre Feminismo Na Arte A Partir Da Práxis Com O Teatro Do Oprimido: As limitações e as possíveis fissuras**, Helen Sarapeck aborda as limitações e as possíveis fissuras na prática feminista a partir da sua experiência com o método do Teatro do Oprimido aplicado com adolescentes do Complexo da Maré, Rio de Janeiro. No texto, a autora aponta questionamentos sobre a arte enquanto produto capitalista que naturaliza tendências e pensamentos e sobre sua própria atuação enquanto mulher branca e classe média em território de favela.

Eduardo Augusto Vieira Walger e Vicente Concilio analisam o caminho de criação de a performance denominada Lembranças, que classificam como Fórum-performance, no texto **Em Tempos De Pós-Democracia, Lembranças De Uma Performance Lgbtqiapn+ Com Catrina, Brecht E Boal**. Nesse sentido, analisam como a performance perpassou TO, articulando aspectos como pontos da visão cênica e políticas de Bertolt Brecht, para alcançar uma ágora, praça de debate democrático em que as pessoas não são chamadas somente a obedecer, característica de uma pós-democracia, mas a pensar. A costura de tais linhas alinhavou também o encontro com Catrina, que ocorreu ao mesclar as estéticas citadas com as lembranças do primeiro autor, na sua execução no 6º Encuentro Latinoamericano de Teatro del Oprimido (6º Elto) em outubro de 2023, na cidade Atlixco (Puebla), no México. Na ocasião alcançou-se uma cena autobiográfica em que a plateia ressignifica democraticamente as memórias de um homoafetivo.

No terceiro artigo apresentado, Rafael Villas Bôas explora o TO no contexto da educação do campo. **Teatro Do Oprimido: Dos Movimentos Sociais À Educação Do Campo** apresenta reflexões sobre o percurso de trabalho com as técnicas e formas do Teatro do Oprimido pela Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília, destacando a importância do processo de socialização dos meios de produção da linguagem teatral empreendido por Augusto Boal e pelo CTO entre os anos de 2001 a 2005, que formou um grupo de curingas militantes do MST empenhado em formar grupos e ministrar oficinas em territórios da reforma agrária e escolas do campo. Neste artigo, as metodologias e formas do Teatro do Oprimido são acionadas para trabalhar questões relativas à experiência dos educandos do curso, na ação em comunidade e no trabalho no âmbito escolar. A pesquisa analisa o desdobramento de dezoito anos de trabalho com teatro no curso, nas esferas articuladas do ensino, da extensão e da pesquisa, destacando os avanços, os limites e os desafios da experiência em andamento.

Zeca Ligiéro nos conduz a olhar para a questão racial no quarto texto deste Dossiê, intitulado **MAMA ÁFRICA: seus filhos e suas lutas revisitadas no teatro**. Escrito a partir de uma viagem ao Senegal para acompanhar a equipe do Centro do Teatro do Oprimido (CTO) do Rio de Janeiro ao III Festival de Arte Negra no Senegal (2010) são discutidos os processos pedagógicos e estéticos propostos por Augusto Boal, enquanto é narrada e analisada a criação de um espetáculo: MAMA ÁFRICA elaborado com atores de quatro países Senegal, Burkina Faso, Mauritânia e

Guiné-Bissau. A utopia de uma origem comum e uma inconsequente luta fratricida levando um povo a oprimir seu próprio vizinho foi desenvolvida dramaturgicamente por Bárbara Santos que dividiu a direção final com Zeca Ligiéro. A performance desenvolvida nos moldes do Teatro Fórum proposto por Boal, assim como foi possível conciliar a utilização das suas pedagogias do Teatro do Oprimido (T.O.) e da Estética do Oprimido com as linguagens africanas diversas trazidas pelos quatro grupo africanos de tradições distintas, mas tendo em comum: cantar/dançar/batucar/contar, analisadas por Ligiéro em diversos livros, e desta forma convergindo para a busca de uma possível linguagem comum e abraçando o Pan-Africanismo.

O quinto texto apresentado tem autoria de Valdelei Oliveira da Silva e Flávio da Conceição e também coloca em tela o racismo, assim como outras opressões sociais tomando como ponto de partida suas manifestações na comunidade Cidade do Povo. Assim, **Teatro Do Oprimido E Cultura De Paz Na Cidade Do Povo** relata um processo de investigação em que, através dos jogos do Teatro do Oprimido, busca-se quebrar ciclos de opressão e violência, que se reproduzem, apresentando a Cultura de Paz e o ativismo não violento como estratégia de enfrentamento. O objetivo deste trabalho foi analisar a oficina de Teatro do Oprimido, realizada pelo GESTO da Floresta e saber se a temática do racismo aparece por meio dos jogos de Teatro do Oprimido, para os adolescentes da Cidade do Povo, ou qual opressão social se manifesta. Tomando como referências Boal (2009), Hooks (2020), Orlick (1978), Conceição (2022), Boff (1998), a análise da oficina evidencia a relevância de projetos de extensão e pesquisas para a transformação social, por meio da arte e educação para as novas gerações.

A relevância metodológica dos jogos do Teatro do Oprimido para a mobilização dos sujeitos e construção de transformações da realidade é demonstrada ainda por Letícia Frutuoso, em **Teatro-Imagem: Sonhando futuros**, artigo em que a autora aborda o uso do Teatro-Imagem utilizado como parte de uma metodologia ativa de aulas de teatro, ministrada para não-atores, que tem suas bases teóricas e práticas enraizadas no Teatro do Oprimido (Augusto Boal) e na Pedagogia do Oprimido (Paulo Freire). As aulas são oferecidas em uma disciplina obrigatória de comunicação, para estudantes da graduação em medicina. No relato, tem-se que as ações com Teatro-Imagem foram realizadas diversas vezes, em diferentes turmas, com o intuito de se identificar opressões e de buscar caminhos para enfrentá-las. São apresentadas três sessões de

Teatro-Imagen com o fito de demonstrar que tal técnica é potente para a transformação do mundo.

Especialmente no cenário pós-pandemia de COVID-19, a ampliação dos usos do TO em ambiente virtual é uma realidade. Os dois últimos textos do dossiê abordam esse tema. Dhenise de Almeida Galvão explora a adaptação e recepção do Teatro do Oprimido (TO) no espaço virtual, enfocando como esta prática teatral se ajusta e é percebida no ambiente digital, especialmente em um contexto de crescente polarização política e social. O **Teatro Do Oprimido Na Internet: Resistência E Formação Crítica Em Caminhadas Digitais** toma como base a revisão de literatura, análise de plataformas digitais e uso de ferramentas de inteligência artificial para coleta e interpretação de dados. Observa-se o potencial do TO como instrumento de resistência, diálogo e formação crítica no ambiente digital, apontando também para os desafios de engajamento e alcance em meio às dinâmicas contemporâneas das redes sociais.

Encerrando os textos que formam esse dossiê, Gabriel Fontoura Motta apresenta o artigo **Teatro Do Oprimido Online Na Educação Não Formal De Pessoas 60+: O Esvaziamento Da Palavra Em Maeterlinck Como Dispositivo Cênico** em que analisa a aplicação do Teatro do Oprimido (TO), de Augusto Boal, como prática de Educação Não Formal no curso de Teatro e Espanhol Online *¿Hablas Español?*, voltado a pessoas com mais de 60 anos do programa de extensão universIDADE da Unicamp. O relato de experiência também conta a criação coletiva do audiodrama Los Ciegos (2023), interpretação publicada da peça simbolista homônima de Maurice Maeterlinck (1890). A proposta apresenta uma metodologia ativa em aulas de teatro realizadas a distância, de forma síncrona, com adaptação inédita dos “Jogos Teatrais” de Viola Spolin e dos Jogos do TO (2000) ao ambiente digital. O aluno participa como ‘espec-ator’, em contraste com o modelo passivo do EAD, promovendo expressão crítica, escuta ativa e resistência à exclusão etarista, real e virtual.

Mais do que apresentar experiências específicas, o conjunto evidencia o Teatro do Oprimido como instrumento de resistência, criação e ação coletiva. Cada contribuição amplia a compreensão sobre o método e reafirma sua atualidade diante dos desafios sociais, políticos e culturais contemporâneos.

Virgínia Campos Machado e Cachalote Mattos

Esperamos que este material inspire cada pessoa que o lê a percorrer, com passos próprios, os muitos caminhos abertos por Boal e por todos e todas que seguem reinventando o Teatro do Oprimido.

Boa leitura!